

"Não foi pela arbitragem que o Boavista perdeu": a construção do sentido numa interação conversacional com três participantes

Carla Aurélia de ALMEIDA
(Universidade Aberta)

0. Introdução

O presente texto¹ insere-se num lugar de interação entre diferentes orientações analíticas saídas da chamada *Análise do Discurso* e tem como objecto de estudo os processos de construção do sentido realizados por três falantes² que partilham um espaço, um tempo e "um foco de atenção" (Goffman, 1987: 81) comuns³.

É nosso objectivo proceder ao levantamento das estratégias discursivas, ao recorte dos diversos rumos discursivos que os falantes em presença desenham e analisar o papel dos *marcadores discursivos* (Roulet et al., 1985) e dos *reguladores* (Cosnier; Kerbrat-Orecchioni, 1987) no *alinhamento* dos participantes, no sistema de alternância de vez de elocução e, de um modo geral, na construção dos valores pragmáticos presentes numa conversa do quotidiano.

1. O entorno: "setting" e "scene"

A interação conversacional em análise realiza-se num contexto *mundano* (Boden; Zimmerman, 1993) e apresenta um dispositivo conversacional que põe em destaque práticas discursivas e *posições interacionais* e/ou *lugares* (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 319)⁴ marcados pelo tempo e lugar dos eventos comunicativos ("setting") e pelas estratégias discursivas ("scene") que desenham a dinâmica dessas mesmas posições (Idem).

O processo enunciativo é assim marcado por um espaço que corresponde à viagem num autocarro. Este espaço fundamenta, desde logo, as *identidades discursivas* (Antaki; Widdicombe, 1998) dos participantes: A é o motorista, B e C são os passageiros.

Por sua vez, o tempo é *ocasional*, depois de um dia de trabalho; um T0 que corresponde ao dia 2 de Novembro de 1994.

Neste espaço e tempo, os três participantes do sexo masculino⁵ partilham um interesse comum pelo futebol, um tópico considerado socialmente como típico do falar masculino - um estereótipo que, de acordo com J. Coates (2003), tem fundamento. Este interesse comum irá motivar toda a interação: a escuta de um relato de futebol emitido pela rádio feita, inicialmente, em silêncio e em viagem a caminho de casa abre um conjunto de *trocas* discursivas onde o jogo de alinhamento e realinhamento dos participantes revela a emoção⁶ da partilha ("shared knowledge").

O *espaço psicológico* ("scene" ou "the psychological setting") assim construído determina um estilo informal, familiar, coloquial onde predominam *normas de interação* e *de interpretação* (Hymes, 1972: 63-64) dominadas por dispositivos conversacionais que denotam um forte "envolvimento conversacional" (Tannen, 2001: 157; Gumperz, 1982: 2-3) como os fenómenos linguísticos de sobreposição da fala, as hesitações, as repetições, as interrupções da vez de elocução e a actividade de colaborar na construção conjunta dos sentidos dados aos enunciados e, de um

modo geral, todos os mecanismos de manutenção, cedência e de auto-selecção da vez de elocução (Tannen, 2001).

É precisamente este aspecto de *auto-continuidade* e de *hetero-continuidade* da vez de elocução que permite a construção, por parte dos participantes, de *macroestruturas*⁷ organizadoras do discurso.

A interacção conversacional que a seguir analisamos⁸ apresenta quatro macroestruturas: uma macroestrutura que diz respeito às equipas principais do futebol português; uma segunda que se reporta ao importante papel do guarda-redes numa equipa; uma terceira que referencia o valor do Sporting e uma quarta que diz respeito ao valor do dinheiro no desporto-rei.

2. Análise das trocas interaccionais

2.1. Abertura da interacção: o acto de refutação proposicional “Não foi pela arbitragem que o Boavista perdeu”

B1: Não foi pela arbitragem que o Boavista perdeu.

C1: Não! Não! Não!

B2: Está ele a dizer que o Boavista foi prejudicado. Não foi nada! Não foi pela arbitragem que o Boavista foi prejudicado.

C2: Pois claro! Claro. Não! Não! Perdeu e perdeu bem! Foram foi anjinhos!

B3: Ora bem.

C3: Nos dois lances de golo foram anjinhos.

B4: Ora bem. Ora aí é que está!

A1: O problema...

C4: Então, no primeiro golo perderam a bola ali infantilmente.

B5: Ora bem.

Os participantes das trocas⁹ triádicas organizam de modo diferente a partilha do espaço interlocutivo, revelando, ao longo dos encadeamentos da interacção conversacional, diferentes modos de *gestão das trocas* (Traverso, 1995: 29): assim, como iremos analisar, os três participantes assumem diferentes lugares conversacionais, verificando-se que não raro a estrutura triádica se subdivide em estruturas diádicas (idem: 30)¹⁰ e quando isso não ocorre, a manutenção do triângulo constituído pelas vozes dos três locutores revela um espaço comunicativo onde ocorrem mais sobreposições da fala, vezes de elocução mais curtas, mais repetições e mais sinais reguladores do discurso (sinais de back channel), fenómenos que denotam a partilha de uma experiência comum (Coates, 1996: 134-135).

A interacção em apreço inicia-se com um acto de *refutação proposicional* (Moeschler, 1982) produzido pelo interlocutor B, o qual reenvia para uma asserção anteriormente realizada por um jornalista da rádio. Assim, o locutor B, através do acto de refutação, refere a falsidade do conteúdo proposicional desta última asserção¹¹ e motiva sequencialmente o acto ilocutório de *justificação* da refutação que C, de modo cooperante e solícito, logo fornece em C2, C3 e C4.

Com efeito, segundo J. Moeschler (1982: 87), o enunciado negativo tem o valor de refutação proposicional se satisfaz as condições (i) e (ii) e se a estrutura é a seguinte:

- NEG (p), visto que q ;
- condição (i): os pressupostos de p são conservados;

- condição (ii): q é um argumento para NEG (p).

No acto de refutação proposicional em análise temos então as seguintes condições:

- (i) o Boavista perdeu;
- (ii) o Boavista jogou mal.

Assim, o locutor C procede à auto-selecção da vez de elocução, sobrepondo o seu discurso ao do locutor B com marcadores argumentativos confirmativos (Spengler, 1980: 131) como "Pois claro! Claro", com operadores de negação ("Não! Não!") e com uma asserção ("Perdeu e perdeu bem!") que constituem a confirmação do acto de refutação para, de seguida, produzir o acto de justificação: "Foram foi anjinhos!" (repare-se na estrutura clivada com função modal que marca a intenção de o locutor orientar o alocutário para a aceitação do que é dito).

Por sua vez, B3 produz uma sequência reactiva de acordo ("Ora bem") que, neste caso, constitui apenas um *regulador discursivo* ou *senal de pilotagem interaccional* (Bouchard, 1987: 94) que permite o reconhecimento ratificado das asserções fornecidas pelo locutor C. Com efeito, estes sinais de regulação do discurso ou sinais verbais de "back channel" ou "continuers"¹² do tipo "Ora bem" (B3 e B5) indicam ao mesmo tempo que o alocutário recebe as informações fornecidas pelo locutor e que lhe cede a vez de elocução a que tem direito neste instante para lhe permitir desenvolver a sua intervenção.

Assim, C3 e C4 constituem actos de justificação repetidos. Note-se que C4 fornece uma explicação (C4 constitui uma precisão do conteúdo proposicional de C2) necessária à compreensão de C2 e de C3: o marcador interactivo "Então" tem a função de articular argumentativamente dois constituintes, aos quais um está destinado a fazer admitir o outro, tendo cada um o estatuto de argumento e de conclusão¹³. "Então" em C4 indica a legitimação da afirmação de C2 e realiza a completude interactiva (Roulet et al., 1985: 15) na medida em que o acto ilocutório de justificação se apresenta agora terminado (repare-se na sobreposição deste marcador com a intervenção de A1, que ficou assim incompleta¹⁴, denotando que o locutor C ainda não tinha terminado o seu acto de justificação).

O enunciado B5 ("Ora bem") constitui um regulador discursivo que permite a ratificação do acto de justificação e a cedência da vez de elocução.

2.2. A troca triádica: cooperar completando o sentido dos enunciados

A2: O problema é este. O nosso problema _ o problema do nosso futebol realmente resume-se a três equipas que é o Benfica, o Sporting e o Porto.

C5: É, é.

B6: É, mais nada.

A3: Ó pá, o Boavista... Depois veja-se, o Boavista _ perdeu três jogadores que são titulares no Benfica que é o João Pinto, o Nelo e o Tavares.

B7: Pois!

A4: Quer dizer, um clube quando não consegue _ manter _

B8: os jogadores

A5: uma estrutura _ durante dois anos ou três _

C6: não vai a lado nenhum

A6: não tem hipóteses, quer dizer, não tem hipóteses. A realidade é esta.

B9: Isso é que é verdade!

O locutor A, na sua segunda intervenção, produz um acto ilocutório de asserção, dando início a um novo tópico (ou assunto): o problema do futebol português.

Esta asserção tem, como sequência reactiva, o acordo dos interlocutores (C5 e B6) que empregam reguladores discursivos, reconhecendo assim a manutenção da vez de elocução de A.

Por sua vez, A3, num discurso informal (o emprego do "pá" fático revela o grau de familiaridade estabelecido entre os interactantes), produz uma explicação da asserção A2, empregando o *marcador de estruturação da conversação* (= MEC) "depois" (Roulet et al., 1985: 95) que assinala a abertura de um constituinte e indica de modo projectivo um encadeamento.

O segmento "Pois!" de B7 é um regulador que produzido em sobreposição denota a cooperação de interlocutor (Tannen, 2001: 157) e constitui uma estratégia discursiva de cedência da vez (Bouchard, 1987: 78).

A asserção de A4 é completada (após uma pausa de A) por B8 e A5 ao mesmo tempo: esta construção conjunta do sentido do enunciado operada por B e A revela o envolvimento conversacional dos falantes e permite a criação de um espaço interaccional onde predominam a colaboração e a solidariedade entre os participantes (Coates, 1996: 133).

Deste modo, a estrutura frásica de A4 projecta, em sobreposição, B8 ("os jogadores") que é semanticamente equivalente a A5 ("uma estrutura"). De seguida, após uma pausa do discurso, A continua o sentido da asserção e, por sua vez, C6 completa o discurso ao mesmo tempo que A6 (C6 e A6 constituem expressões semanticamente equivalentes).

B9 produz uma asserção com o valor ilocutório de acordo que permite a ratificação da asserção produzida por A e assinala a cedência da vez de elocução.

2.3. Reorientação do discurso

C7: O Marítimo apanhou o Juventus. Foi eliminado. Foi quase como o Sporting...

B10: E apanhou logo uma equipa

C8: E apanhou o Real Madrid...

B11: É que o Marítimo está a jogar com uma equipa que é candidata ao título de Itália!

C9: O Real Madrid _ O Real Madrid na final vai ganhar a taça. O Real Madrid calhou-lhe o Sporting!

B12: Uma das candidatas.

C10: O Real Madrid vai ganhar o torneio! Ninguém elimina o Real Madrid. E o Sporting jogou com uma boa equipa quer num jogo, quer no outro.

B13: Sim, sim.

O locutor C7 procura exemplificar o que foi dito na troca anterior, referindo uma equipa pequena - o Marítimo - que perdeu com uma equipa grande - "o Juventus", mas enquanto o interlocutor B continua a dar resposta a este aspecto, o locutor C muda subitamente de assunto (violação da máxima de pertinência de Grice), referindo a derrota do Sporting.

A estratégia argumentativa do locutor C é a de exaltação do valor do Sporting, legitimando a sua derrota com o facto de esta equipa ter perdido com uma equipa forte (o Real de Madrid).

Por sua vez, o interlocutor B acrescenta uma informação susceptível de caracterizar a equipa da Juventus: B emprega "e" (B10) que constitui, segundo Spengler (1980: 132), um marcador geográfico ou topográfico com a função de acrescentar algo mais ao que foi dito ou, de acordo com Rémi-Giraud (1987: 27), um marcador de coerência, com valor de adição. No entanto, B vê o seu enunciado sobreposto pelo enunciado de C8 que continua a falar do Sporting, empregando o conector "e" que tem a função de um marcador argumentativo contrastivo (Spengler, 1980: 134).

Com efeito, o locutor C refere que o Sporting, que é uma equipa grande foi jogar, *mas* "apanhou uma equipa ainda maior, o Real Madrid". O conector "e" de C8 exerce, assim, a função de um *mas pero* (Ducrot, 1980); com C7 - "Foi quase como o Sporting...", o interlocutor tem tendência para tirar de C7 uma certa conclusão r; não o deve fazer, porque C8, igualmente verdadeiro que C7, sugere a conclusão não-r. C8 é assim um argumento mais forte para não-r que C7 o é para r.

Assim, a diferença entre o "e" de B10 e o "e" de C8 está no facto de, em B10, "e" indiciar que o locutor B reage à asserção do interlocutor (cooperando com ele) e dá seguimento à conversação, assegurando a ligação do seu acto com o acto de fala anterior e criando condições para que o diálogo continue (Spengler, 1980: 134); com o "e" de C8, o locutor C estabelece uma oposição, não directamente entre os elementos ligados, mas entre as conclusões que se podem tirar destes elementos.

C, por seu lado, continua a valorizar o Sporting (C10), terminando a sua argumentação e B13 cede a vez de elocução através de "supportive contributions" (Coates, 2003: 143): "Sim, sim".

2.4. Estratégias discursivas de acordo

C11: Depois tem lá aquele capatão do guarda-redes! Foram dois frangos, quer em Espanha, quer em Alvalade. (riso)

B14: Ah, pois! O Sporting com a equipa que tem, se tivesse um guarda-redes à altura!

C12: Carago! C' o Vitor Baía! Não perdia um jogo!

B15: Era, era.

C13: Não perdia um jogo!

A7: Uma das cláusulas que o __ do Artur Jorge quando ele veio para o Benfica, foi meter uma dupla de guarda-redes!

C14: Pois! agora, boa! Ele não é parvo!

A8: Um guarda-redes bom...

C15: Um bom guarda-redes é igual a meia equipa!

B16: A bombear...

C16: É meia equipa!

A9: É meia equipa! Dá confiança à equipa, percebe?

C17: Quer queiramos, quer não, ele já tem provado, já tem, já tem, já tem evitado o _

B17: Em Guimarães, no Domingo.

C18: Pois!

B18: Defende o penalty, dá uma moral à equipa dos diabos.

C19: Pois!

B19: Tá bem?

C20: Um gajo com 35 anos. É de facto um guarda-redes excepcional.

A10: O Porto, também se não tivesse aquele guarda-redes!

C21: O Porto, Deus me livre! Não ganhava metade dos jogos!

B20: É verdade.

C22: Não ganhava METADE dos jogos!

A11: Um indivíduo _ um indivíduo naquele lugar, meu amigo!

C23: Claro! Dá muita confiança!

A12: Dá um moral à equipa, percebe?

B23: Moraliza.

C11 mantém a sua vez da fala, iniciando um novo tópico que diz respeito à importância do guarda-redes e para prosseguir o seu discurso, o locutor C emprega o MEC "depois" (C11)¹⁵ que responde antes de mais à explicitação da máxima de pertinência de Grice: a troca aberta por C vai permitir a partilha de um espaço interlocutivo inicialmente feito por uma relação dual (C11-B14; C12-B15; realimentada pela asserção repetida de C13) e, posteriormente, triádica com o locutor A a produzir asserções e C e B a demonstrarem o seu acordo (cf. C14, C15 retoma o tópico e completa-o e B16, C16 e A9 constituem asserções com um conteúdo proposicional semanticamente equivalente, o que revela o acordo que se estabelece entre os três locutores).

B17 calcula probabilisticamente, através de uma implicatura conversacional, o sentido de C17: B17, tendo em conta o momento da enunciação (2 de Novembro de 1994), completa o sentido de C17, referindo a importante actuação do guarda-redes do Benfica "em Guimarães, no Domingo".

Como o cálculo das implicaturas conversacionais é sempre probabilístico, ele só pode ser avaliado em definitivo pelo alocutário que, em C18, confirma a validade de B17.

B18 é uma asserção que confirma tudo o que A e C afirmaram e C19 e B19 são intervenções reactivas de acordo.

No espaço interaccional criado pela solidariedade da partilha de um conhecimento comum são frequentes as perguntas-"tag" do tipo "percebe?" (A9) e "Tá bem?" (B19) que permitem aos falantes verificar "(...) the taken-for-granted-ness of what is being said (...)" e confirmar "(...) the shared world of the participants" (Coates, 1996: 194).

Em C20 o conector interactivo "de facto"¹⁶ constitui um reforço argumentativo e em A10, o locutor, com o emprego da partícula modal "também", "sublinha que o que fora dito não só não o surpreende como até se torna compreensível" (Franco, 1991: 367): "o Porto, só é uma boa equipa, porque tem um bom guarda-redes".

C21 produz uma asserção que reforça o conteúdo proposicional de A10 e o locutor B produz um regulador de acordo ("É verdade") que assinala a cedência da vez de elocução a C e C22, revelando a emoção do acordo, repete o enunciado de C21 e, através da prosódia, reforça o dito: "Não ganhava METADE dos jogos!".

Por sua vez, A11 reforça o que disse em A10 e C23, A12 e B23 são intervenções com conteúdos semânticos equivalentes que marcam o acordo.

2.5. Movimentos projectivos e retroactivos

C24: Agora o Sport não tem guarda-redes. Outra bola, bola outra!

B24: Tem uma boa defesa, mas quando a defesa falha, o guarda-redes anda ao papel.

C25: Pois! Claro! Claro! Claro pá! Vai uma bola, vai uma bola à _ baliza.

A13: O Sport deve ter uma vantagem...

C26: Veja aquele golo, aquele golo que ele sofreu contra o Real Madrid. Tem algum jeito aquilo! Uma bola que é cruzada para a linha da Grande Área! Sai pela baliza fOOra! Aquilo NEM SEI, um principiante, carago! Aquilo era só à chapada e e e o derrube.

B25: Foi mal batido.

C27: O Sport, jogo na mão. Com a eliminatória na mão ___ e lá foi a mesma coisa! Não deu para frango nem nada! E depois o Sporting também teve, não teve nada em troca. Mesmo a acabar, aquele remate e a bola vai e bate foora _ e vai por aí...

B26: Aí, essa é que foi pena! Isso é que foi mesmo!

C28: E depois vai na recarga e bate na perna do gajo e vai para cima da trave. __ (tosse) É claro que as três equipas grandes continuam a ser as mais fortes, percebe?

O locutor C, não quer prosseguir a conversa sobre o guarda-redes do Benfica, mudando de novo o tema do discurso para retomar o tópico que diz respeito à equipa do Sporting. Para isso, emprega em C24 o MEC "agora"¹⁷ e realiza um encadeamento de asserções (C24, C25, C26, C27) que constituem actos de censura de um clube considerado dos grandes, mas que não soube estar à altura do título.

B24, B25 e B26 são sequências de acordo que permitem a realimentação do discurso de C de tal modo que este último impede que A13 assumia a vez de elocução: repare-se que a um esquema triangular se segue agora um espaço interlocutivo constituído por apenas dois interlocutores em face de um terceiro – o alocutário privilegiado de C é o interlocutor B¹⁸ e verifica-se que, no espaço interaccional desta conversa, o locutor C domina uma vez que mantém por mais tempo a sua vez de elocução (Kerbrat-Orecchioni, 1987: 327).

Em C28, o locutor, com o marcador reavaliativo recapitulativo "É claro que" (Roulet et al., 1985: 154) reinterpreta tudo o que foi dito, fazendo uma síntese e retomando o tópico das equipas mais importantes do futebol.

2.6. Estratégias discursivas de manutenção da vez

C28: É claro que as três equipas grandes continuam a ser as mais fortes, percebe?

B27: Os gajos continuam a ser grandes.

C29: Não! Não há cá conversas!

A14: Falta um bocadito. (gesto com os dedos para simular a ideia de dinheiro)

C30: Pois! O Boavista tem lá um jogador _ que os do Benfica quer o jogador. Eles vão logo buscá-lo! Têm dinheiro!

B28: O Boavista ou qualquer um.

C31: Ora, por exemplo, o Sporting, tem lá o Figo. Até uma equipa da Itália dá-lhe já um balúrdio! Meu amigo, ele vai já embora! Dá-lhe um contrato, vai já embora. Quem é que tem dinheiro para o segurar cá? Não tem. Não interessa quem tem! Ele acaba o contrato agora... Veja o...

B29: Vai à vida dele.

C32: Pois!

A asserção de B27 motiva C29 que constitui o reforço de C28 (repare-se na utilização da partícula modal "cá" que, na frase do tipo exclamativo, exprime a atitude do locutor de recusar qualquer objecção da parte de outros possíveis interlocutores) e as asserções de C30 que constituem actos de justificação do argumento apresentado em C28.

C31 apresenta um MEC "ora" que assegura o desenvolvimento do discurso e B29 realiza uma implicatura conversacional ratificada por C32 com o emprego de "Pois!" - marcador argumentativo confirmativo (Roulet et al., 1985).

2.7. Fecho da interacção conversacional

(C levanta-se e dirige-se para a porta)

A15: Quer sair aqui, é?

C33: Obrigado.

A16: Até amanhã.

C34: Eles vão à caça do dinheiro! Se jogassem todos pela bola!

A17: Está assim e está.

O locutor A calcula probabilisticamente, a partir desta situação de comunicação, que C quer sair e produz um acto indirecto de oferta. Este acto tem como sequência reactiva o agradecimento que implica uma aceitação da oferta.

A16 realiza uma tentativa de fecho através de um acto de despedida, mas C34 produz asserções que constituem resumos retroactivos da interacção. A17 constitui uma asserção avaliativa que fecha a interacção conversacional e possibilita ao locutor A fechar as portas do autocarro e prosseguir a viagem.

3. Conclusão

A análise dos processos de co-construção do sentido presentes em trocas triádicas revela as estratégias de manutenção, de cedência e de auto-selecção da vez de elocução e os marcadores e sinais verbais que as fundamentam. Neste espaço interaccional, as repetições, as sobreposições da fala, o cálculo dos sentidos implicitados, o trabalho de o alocutário completar o sentido dos enunciados do locutor constituem fenómenos discursivos que denotam o envolvimento conversacional dos participantes e revelam as emoções nas interacções.

Notas

¹ Este texto retoma, com modificações várias, um estudo realizado no âmbito do Seminário *Partículas Discursivas e Interacionais do Português II* do Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva da FLUP. O regresso analítico a este texto resulta, em grande medida, do constante incentivo que a Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques nos tem dado para prosseguir o estudo dos discursos do quotidiano, no levantamento e na descrição das rotinas verbais, dos rituais sociais e das estereotípias. O texto agora apresentado deve bastante às sugestões que encontramos nos locais em que foi discutido, em particular, nas apresentações efectuadas no âmbito do Seminário de *Tecnologia e Pedagogia da Mediatização Audio* do Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia e dos Seminários de *Análise do Discurso* do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses e do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres da Universidade Aberta.

² Sobre a análise das conversações triádicas, cf. os estudos presentes em Kerbrat-Orecchioni; Plantin (eds.), 1995.

³ Para Catherine Kerbrat-Orecchioni (1990), o esquema participativo, a unidade de tempo e de lugar e o tema comum constituem três critérios que permitem delimitar uma interacção (Idem: 245).

⁴ Segundo Catherine Kerbrat-Orecchioni (1987), «(...) le système des places se constitue au moins en partie dans et par l'échange communicatif lui-même» (Idem : 319).

⁵ Sobre os rituais e as rotinas das conversas entre falantes do sexo masculino, cf. o estudo do que Jennifer Coates (2003) chama de "men talk".

⁶ Sobre as emoções nas interacções verbais, cf. Plantin et al. (orgs.) (2000).

⁷ Segundo van Dijk, as *macroestruturas* são indispensáveis para que se produzam conexões lineares entre orações e para a compreensão do *tema* de um texto (1978: 165). Assim, as *macroestruturas* do texto são importantes para o levantamento dos tópicos e/ ou temas do texto e para a organização da informação a nível *microestrutural* (van Dijk, 1980: 14).

⁸ Na transcrição deste discurso oral, utilizámos as seguintes convenções: xxx Sobreposição de enunciados; _ Pausa curta; __ Pausa média; ___ Pausa longa; V Prolongamento da vogal; (xxx) Comentários do transcritor.

⁹ Roulet et al. (1985) consideram a *troca* ("l'échange") como a mais pequena unidade da interacção, constituída por *intervenções* que, por sua vez, apresentam funções ilocutórias iniciativas e funções ilocutórias reactivas.

¹⁰ Cf. a análise de C. Kerbrat-Orecchioni (1995) sobre o que denomina de «trilogue», isto é, sobre as "conversações com três participantes" (Idem: 1). Segundo esta autora, «(...) le 'trilogue' (...) est une structure interactionnelle aussi *originale* que *fondamentale* (...)» (Idem) e ainda «(...) *les triades ont généralement tendance à se scinder en deux sous-groupes* (dyade + élément isolé)» (Idem: 19).

¹¹ Repare-se na focalização operada através da construção de clivagem "*Não foi* pela arbitragem *que* o Boavista perdeu" que denota a intenção de o falante orientar o alocutário para a aceitação do que é dito. Repare-se igualmente no operador de negação que, neste caso, marca uma negação *externa* e *polémica* (Moeschler, 1982: 32). Cf. também a seguinte afirmação de J. Moeschler (Idem): «La réfutation *propositionnelle* (...) thématise (...) le défaut vérifonctionnel de l'assertion à laquelle elle renvoie» (Idem: 96).

¹² Diversos autores (Kerbrat-Orecchioni, 1987; de Gaulmyn, 1987: 204) referem a dificuldade que surge em interpretar estes segmentos ou como verdadeiras intervenções como a Escola de Genebra preconiza ou analisar estes elementos como sinais reguladores do discurso e/ou reguladores verbais (de Gaulmyn, 1987: 203). Note-se que a denominação de sinais reguladores do discurso é semelhante à de "regulação" ou à de sinais de "back channel" ou de "feedback", à de meios de "pilotage de l'interaction" referidas por J. Cosnier e são retomadas por autores vários como R. Bouchard (1987: 78). Estas denominações são ainda equivalentes à de "continuers" (Schegloff, 1981, citado em de Gaulmyn, 1987: 204).

¹³ Schmidt-Radefeldt indica "então" como exemplo de uma partícula argumentativa. Segundo este autor, com as partículas argumentativas, "o falante sublinha o valor semântico do seu discurso ou da sua argumentação" (Schmidt-Radefeldt, 1993: 65). Cf. também a análise de A. C. M. Lopes (1997) sobre os vários valores e usos de "*então*", nomeadamente o valor de conector argumentativo (Idem: 183).

¹⁴ Sobre a estruturação das conversações com três participantes, C. Kerbrat-Orecchioni (1995) refere que as conversações autênticas têm uma estrutura triádica apenas por pouco tempo: «(...) très vite, on voit le triangle se défaire, soit par l'expulsion d'un tiers mis provisoirement sur la touche, soit par la fusion de deux participants en un seul rôle discursif» (Idem : 24).

¹⁵ Repare-se que os autores apresentam diferentes denominações que, com pequenas variações, correspondem ao mesmo objecto de estudo: Schmidt-Radefeldt (1993: 66) inclui as partículas *depois*, *e*, *agora* nas *partículas topográficas textuais*; Spengler (1980) chama de *marcadores geográficos* aos MEC de Roulet et al. (1985).

¹⁶ Cf. o estudo de Ana Cristina Macário Lopes sobre a descrição semântica dos valores que a locução adverbial "*de facto*" assume no discurso, nomeadamente a análise do uso de "*de facto*" como marcador discursivo de elaboração de tópico e reforço argumentativo (2004).

¹⁷ Schmidt-Radefeldt (1993: 66) denomina a partícula "agora" de partícula topográfica textual.

¹⁸ Sobre a problemática das relações duais abertas nas trocas com três participantes, cf. V. Traverso (1995: 30).

Referências Bibliográficas

- Antaki, Charles; Widdicombe, Sue (eds.) - 1998 - *Identities in talk*, London, Sage.
- Boden, D.; Zimmerman, D. (eds.) - 1993 - *Talk and social structure: studies in ethnomethodology and conversation analysis*, Oxford, Blackwell Publishers.
- Bouchard, Robert - 1987 - "Structuration et conflits de structuration" in Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds.), 1987, pp. 73-104.
- Coates, Jennifer - 1996 - *Women talk. Conversation between women friends*, Cornwall, Blackwell.
- 2003 - *Men talk*, Cornwall, Blackwell.
- Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) - 1987 - *Décrire la conversation*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- van Dijk, T. A. - 1978 - *La ciencia del texto*, Barcelona / Buenos Aires, Ediciones Paidós.
- van Dijk, T. A. - 1980 - *Macrostructures*, Hillsdale / New Jersey, Erlbaum.
- Ducrot, O. - 1980 - *Les mots du discours*, Paris, Minuit.
- Franco, António C. - 1991 - *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*, Coimbra, Coimbra Editora.
- de Gaulmyn, Marie-Madeleine - 1987 - "Les régulateurs verbaux: le contrôle des récepteurs" in Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds.), 1987, pp. 203-223.
- Gumperz, J. - 1982 - *Discourse strategies*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gumperz, John; Hymes, Dell (eds.) - 1972 - *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- Hymes, Dell - 1972 - "Models of the interaction of language and social life", in Gumperz, John, J.; Hymes, Dell (eds.), 1972, pp. 35-71.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine - 1987 - "La mise en places" in Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds.), 1987, pp. 319-352.
- 1990 - *Les interactions verbales*, I, Paris, Armand Colin.
- 1995 - «Introduction» in Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (eds.), 1995, pp. 1-28.
- Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (eds.) - 1995 - *Le trilogue*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- Lopes, Ana Cristina Macário - 1997 - "Então: elementos para uma análise semântica e pragmática" in *Actas do XII Encontro Nacional da APL*, vol. I, pp. 177-120.
- 2004 - "'De facto'" in *Da Língua e do Discurso. Colóquio em homenagem a Joaquim Fonseca – 20-22 de Novembro de 2003*, Porto, Campo das Letras.
- Moeschler, J. - 1982 - *Dire et contredire. Pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*, Berne, Peter Lang.
- Plantin, Christian; Doury, Marianne; Traverso, Véronique (orgs.) - 2000 - *Les émotions dans les interactions*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- Rémi-Giraud, Sylvianne - 1987 - "Délimitation et hiérarchisation des échanges dans le dialogue" in Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds), 1987, pp. 17-72.
- Roulet, Eddy et al. - 1985 - *L'articulation du discours en français contemporain*, Berne Francfort S/Main, Peter Lang.
- Schmidt-Radefeldt, Jürgen - 1993 - "Partículas discursivas e interacionais no português e no espanhol em contraste com o alemão", in Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.), 1993, pp. 63-78.

- Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.) - 1993 - *Semiótica e linguística portuguesa e românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*, Tübingen, Narr.
- Spengler, Nina de - 1980 - "Première approche des marqueurs d'interactivité", *Cahiers de linguistique française*, 1, pp. 128-148.
- Tannen, Deborah - 2001 - "The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance", in Wetherell, M. et al., 2001, pp. 150-166.
- Traverso, Véronique - 1995 - «Gestion des échanges dans les conversations triadiques» in Kerbrat-Orecchioni, C.; Plantin, C. (eds.), 1995, pp. 29-53.
- Wetherell, M.; Taylor, S.; Yates, S.J. (eds.) - 2001 - *Discourse theory and practice. A reader*, London, Sage.